

A MATERNIDADE NÃO CABE NO LATTES: O IMPACTO DA SOBRECARGA DE TRABALHO NA SAÚDE MENTAL DAS DOCENTES MÃES EM TEMPOS DE PANDEMIA

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

BRITO; Bruna Pinto Martins¹, CARVALHO; Edith França de², MAIO; Isabella de Sousa³, AGUIAR; Letícia Rangel⁴, PENA; Maria Eduarda da Silva⁵, KORT-KAMP; Monick Leonora Inês⁶, MEIRELES; Stephane Mattos⁷

RESUMO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo ressaltar os impactos da sobrecarga *dohome office* na saúde mental das mulheres que conciliam a maternidade com a docência em universidades públicas brasileiras no período da pandemia de Covid-19, considerando os relatos de docentes e pesquisadoras e as históricas relações de gênero na divisão sociosexual do trabalho.

O interesse por este objeto de pesquisa advém da vivência das pesquisadoras, autoras deste projeto, que além de já realizarem estudos anteriores sobre as relações do trabalho com a saúde mental dos trabalhadores, sentem-se sobrecarregadas ao terem de conciliar as atividades domésticas com o trabalho remoto no período de isolamento social, devido à pandemia de Covid-19. As inquietações das autoras e expandiram ao encontrarem um grupo de mulheres, docentes e pesquisadoras que formam o Fórum *online* “*Poesis e alquimia feminista*”, cujo objetivo é realizar reflexões e pesquisas sobre a condição das mulheres pesquisadoras neste período pandêmico.

O estudo mais aprofundado sobre o tema permitiu-nos compreender que a sobrecarga de trabalho e atividades têm afetado diretamente a vida profissional das mulheres. Isso é demonstrado pela diminuição na produção acadêmica e científica de mulheres pesquisadoras após a implementação de medidas de isolamento social em diversas partes do mundo, especialmente de mulheres mães, como apontado pelo estudo do projeto “Parent in Science” [1] e os dados da Revista de Ciências Sociais do IESP-UERJ [2].

É importante ressaltar que as desigualdades presentes entre homens e mulheres nesta sociedade, evidenciadas por esses estudos, “não derivam da natureza biológica (...), ao contrário, são socialmente construídas, o que nos permite pensar na subversão e superação dessas relações de poder.” [3]. Dessa forma, é possível notar que se exigem das mulheres as respostas às mais diversas demandas (do trabalho, da casa, da família). Somado a isso, destacamos que, para qualquer análise profunda sobre as relações entre as condições de saúde e de trabalho, é necessário considerar as mudanças e as desigualdades presentes no mundo do trabalho, já que a saúde das trabalhadoras não está isenta das repercussões dos processos de trabalho a que estão submetidas.

Portanto, é fundamental lembrar o processo histórico em que se dá tal construção social das relações entre gênero e trabalho. Sabemos que simultaneamente ao capitalismo, foi instaurada a divisão sexual do trabalho. Nesta mesma sociedade, a força de trabalho é vendida como uma mercadoria, e em contrapartida observamos que o espaço doméstico passa a ser uma unidade familiar reprodutiva da força de trabalho e não mais uma unidade familiar e produtiva, como no período feudal [4].

Observamos que no capitalismo o valor do trabalho está diretamente ligado ao valor de troca e não ao valor de uso, com isso o trabalho feminino é desvalorizado, ressaltando a relação entre capital e patriarcado relatada por Engels [5] desde 1884, em sua obra “A origem da família, da propriedade privada e do estado”, na qual o autor abordava como o sistema patriarcal associado ao capitalismo dominava, explorava e oprimia as mulheres.

É preciso destacar aqui a relação entre a sobrecarga materna e a não remuneração dos trabalhos reprodutivos, como nos ensina Federici [6] ao se referir aos cuidados, considerando as atividades domésticas e de cuidados com a prole. Para a autora, é de extrema importância, é a partir da instauração do sistema capitalista – e para garantir sua manutenção – que os trabalhos reprodutivos passam a ser naturalizados como destinados às mulheres. Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as tarefas de cuidados (não remuneradas) destinadas às mulheres foram somadas às atividades remuneradas, intensificando a sobrecarga de trabalho.

¹ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), brunapmbrito@gmail.com

² ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), edith.fcarvalho@gmail.com

³ ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), isabellaamaio@gmail.com

⁴ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), leticiaaguiar@id.uff.br

⁵ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), mariaeduarda.pena@hotmail.com

⁶ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), kortkammonick@gmail.com

⁷ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), stephanemeireles18@gmail.com

Aqui é importante lembrar ainda que, mesmo quando esses trabalhos são terceirizados, há uma desvalorização e exploração de trabalhadoras domésticas que são, em sua grande maioria, negras. Nas palavras de Passos [7], “uma das heranças destinadas e deixadas às mulheres negras pelo colonialismo foi o que denominamos de cuidado colonial”. Logo, é preciso ratificar que, ainda hoje, o trabalho reprodutivo realizado por mulheres é invisibilizado, garantindo a sustentação de uma estrutura social capitalista, patriarcal e racista.

Isto posto, com a atual crise sanitária, política e econômica, na qual estamos vivenciando desde março de 2020, tal sobrecarga se acentua sobre as mulheres. No que se refere às mulheres docentes, o *home office* foi incorporado como estratégia sanitária, de modo integral, para a realização de suas atividades, garantindo o distanciamento social para a não propagação e disseminação do Covid-19.

É fundamental destacar aqui que esta modalidade de trabalho não é uma novidade trazida pela pandemia. No entanto, muitos desafios se impõem neste cenário para as mulheres: a falta espaço físico que dispõem em suas casas para trabalhar, as demandas de produtividade que se mantiveram e somaram-se a carga dos trabalhos domésticos e cuidados com a família, dentre outras. Com isso, podemos notar que tal modalidade de trabalho intensifica o processo de trabalho e aumenta o desgaste físico e mental das trabalhadoras, especialmente para as que são mães.

Deste modo, constata-se a necessidade de pesquisas que tenham como ênfase a saúde mental de mulheres, tendo em vista, a dupla/tripla jornada de trabalho que estas experienciam. Neste cenário, desenvolvemos a pesquisa “Home office em tempos de pandemia: um estudo sobre a saúde mental de mulheres docentes de universidades públicas brasileiras”, iniciada em julho de 2020 e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense (CEP-Humanas da UFF). A relevância dessa pesquisa está em buscar compreender a relação desse processo de trabalho remoto, que têm sobrecarregado as mulheres, com o possível aumento dos adoecimentos psíquicos, visando contribuir para proposição de estratégias que visam à promoção da saúde mental das mulheres no trabalho docente. A seguir, apresentaremos a metodologia utilizada e alguns dados referentes à maternidade e saúde mental docente.

METODOLOGIA

A pesquisa consiste em um estudo qualitativo e exploratório, com coleta de certos dados quantitativos, associado a uma revisão teórico-bibliográfica, pesquisa documental e de campo com as docentes que estão trabalhando em *home office* neste período de pandemia.

Essa pesquisa de campo se dividiu em duas etapas. A primeira foi realizada através de um questionário online, por meio da plataforma *Google Forms*. Este formulário contava com perguntas objetivas e abertas, que visavam traçar um perfil das docentes em *home office*, bem como conhecer as suas jornadas de trabalho, condições de vida, trabalho, saúde e a percepção das docentes sobre o *home office* e suas implicações na sua saúde mental no atual contexto.

Quanto à segunda etapa, em andamento, estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com pelo menos 10% das docentes que responderam ao formulário de cada região do Brasil. As entrevistas estão sendo realizadas na modalidade remota, por meio da plataforma *Google Meet*. Esses relatos permitem um aprofundamento das particularidades sobre as condições de vida, trabalho e saúde das docentes em cada região do país.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Diante do recorte em que se centra o presente trabalho, discutiremos alguns resultados preliminares da pesquisa, obtidos através do questionário *online*, que já demonstra o quanto as mulheres docentes de universidades públicas têm enfrentado diversos desafios neste período de pandemia, especialmente as que são mães.

De um total de 448 respostas ao questionário online é possível, por meio dos dados coletados, traçar um perfil das docentes que responderam a pesquisa, a saber: 76,7% (344) são brancas, 93,2% (419) são heterossexuais, 98,5% (446) afirmaram ser mulheres cisgênero e 40% (175) tem idades entre 31-40 anos. A maioria das

¹ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), brunapmbrito@gmail.com

² ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), edith.fcarvalho@gmail.com

³ ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), isabellaamaio@gmail.com

⁴ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), leticiaaguaiar@id.uff.br

⁵ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), mariaeduarda.pena@hotmail.com

⁶ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), kortkamponick@gmail.com

⁷ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), stephanemeireles18@gmail.com

docentes afirmaram ser da região sul do país (41%, 183), seguido da região sudeste (23%, 102) e das regiões nordeste, centro-oeste (ambas com 15%, 67%) e norte (com 6%, 29). Os dados mostraram que 55% (247) das docentes cuidam de outros membros da família (além dos filhos) nesse período de pandemia. Desse modo, esta pesquisa ratifica a naturalização dos trabalhos reprodutivos como algo de responsabilidade exclusivamente feminina.

Dentre essas pesquisadoras, 62,6% (276) das docentes são mães e quase metade (46%, 204) têm filhos em idade escolar. Desse total, 48% (214) afirmaram que não possuem rede de apoio alguma e com isso tem a sua jornada de trabalho intensificada. Além disso, 36,7% consideram o trabalho docente realizado na modalidade *home office* como não produtivo, enquanto 35,1% consideram que nem sempre é produtivo como confirma o relato a seguir:

Minha maior dificuldade é ser produtiva, sei que dou conta das tarefas e obrigações na prática, mas para que isso aconteça é um esforço emocional muito grande. Sofro com as questões da pandemia, então luto constantemente contra o desânimo que essa situação me convoca. (mulher parda, faixa etária entre 31-40 anos).

Há ainda relatos que desvelam o não reconhecimento do cuidado como trabalho e da desigualdade na divisão das responsabilidades com os filhos entre homens e mulheres:

O pai da minha filha não ajuda, pois diz que tem que trabalhar. Quando ela vai (para casa dele), ele não ajuda na educação, muito menos na rotina escolar. Também me dificulta muito o corte de aumento do salário e, portanto, tive que demitir minha funcionária. Agora quem faz almoço, cuida da casa e comida sou eu. Me sinto exausta e com menos energia para o trabalho (mulher branca, mãe, faixa etária entre 41-50 anos)

Tais relatos nos apontam para a sobrecarga materna e seus impactos no trabalho das docentes. Porém, sabemos que esta problemática não se inaugura com a pandemia, mas se intensifica. Por isso, há algumas iniciativas institucionais que visam apoiar a maternidade de pesquisadores de universidades públicas. Destacamos aqui a recomendação de flexibilização de carga horária de docentes mães na Universidade Federal Fluminense^[1], como resultado de um esforço do GT “Mulheres na Ciência da UFF” em ação conjunta ao GT Covid da mesma instituição [8]. Apesar dessa iniciativa pioneira entre as universidades públicas, essa resolução não foi respeitada na prática, como denunciou o sindicato de docentes da UFF [9]. Isso demonstra a dificuldade em romper com a lógica neoliberal e o patriarcado em ambientes institucionais.

Em outro relato, vemos que a pandemia traz desafios para além do *home office*, que envolvem a vivência do luto para diversas pessoas que perderam algum membro de sua família. Acrescenta-se a crise sanitária, uma crescente crise política e econômica em nosso país. Como dar conta psiquicamente dessa complexa crise se a lógica neoliberal impõe uma produtividade a qualquer custo, inclusive no ambiente acadêmico?

Perdi minha irmã para a Covid-19 e ela deixou dois filhos. Um de 11 anos e um recém-nascido. Eu tenho um de 5 e um de 1 ano. Cuidamos dos 4, eu, minha mãe e meu marido. Estamos esgotados emocionalmente e fisicamente. Conciliar trabalho universitário, trabalho doméstico e maternidade na pandemia têm sido um desafio ao qual não estou sendo bem-sucedida. Minha saúde mental está em frangalhos e não me sinto acolhida pela universidade. (mulher preta, mãe, faixa etária entre 31-40 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos reprodutivos foram socialmente construídos como atribuições das mulheres como base para a estrutura da sociedade capitalista, patriarcal e racista. Tais tarefas relativas aos cuidados são invisibilizadas e não remuneradas, tampouco reconhecidas como trabalho fundamental para manutenção da vida. É o que nossa pesquisa bibliográfica nos indica, principalmente a partir da historização desse processo realizado por Federici

¹ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), brunapmbrito@gmail.com

² ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), edith.fcarvalho@gmail.com

³ ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), isabellaamaio@gmail.com

⁴ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), leticiaaguilar@id.uff.br

⁵ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), mariaeduarda.pena@hotmail.com

⁶ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), kortkammonick@gmail.com

⁷ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), stephanemeireles18@gmail.com

[6]. É preciso ressaltar ainda que esses trabalhos quando remunerados, em uma terceirização dos cuidados, é marcado pela precarização e baixa remuneração, destinado majoritariamente às mulheres negras na reprodução de um cuidado colonial [7]. Desse modo, reconhecemos que para mães em situações de vulnerabilidade, há elementos que agravam as suas condições.

No que tange às mulheres docentes, a queda na produtividade revelou a desigualdade das condições de trabalho entre homens e mulheres na docência. Alguns desses elementos já aparecem em nossa pesquisa. Nossos dados apontam que as docentes mães (a maioria de nossas participantes) afirmam que a produtividade não é a mesma neste regime de *home office* em pandemia. Seria coincidência que a conciliação entre trabalho com cuidados (dentre eles com crianças) e *home office* seja uma queixa frequente entre as mulheres? Como apresentamos nos relatos, as mães docentes associam a queda na produtividade com esse acúmulo de tarefas. Cabe-nos perguntar: qual a dimensão do impacto na saúde mental das mães pesquisadoras? Sabemos que a sobrecarga materna é um elemento adoecedor e merece atenção, com incentivo de políticas públicas de apoio à maternidade em espaços acadêmicos. Os dados e relatos de nossa pesquisa nos convocam a repensar a universidade como espaço que ainda reproduz os valores de uma sociedade patriarcal e racista.

REFERÊNCIAS:

[1] PIERRO, B. Mães na quarentena: Isolamento social lança luz sobre desigualdade de gênero na ciência. **Revista Pesquisa FAPESP**. Publicado em 19/05/2020. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/maes-na-quarentena/>>. Acesso em: 02/06/2020.

[2] CANDIDO M. R.; CAMPOS. L. A. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. **Dados Revista de Ciências Sociais**, 2020. Publicado em 14/05/2020. Disponível em: <<http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>> Acesso em: 16/10/2021.

[3] CASTRO, B.; CHAGURI, M. Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista.

¹ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), brunapmbrito@gmail.com

² ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), edith.fcarvalho@gmail.com

³ ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), isabellaamaio@gmail.com

⁴ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), leticiaaguilar@id.uff.br

⁵ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), mariaeduarda.pena@hotmail.com

⁶ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), kortkammonick@gmail.com

⁷ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), stephanemeireles18@gmail.com

Dados Revista de Ciências Sociais, 2020. Publicado em 22/05/2020. Disponível em: <<http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-cientifica-feminista/>>. Acesso em: 03/06/2020.

[4] ÁVILA, M. B. **Divisão Sexual do trabalho e Trabalho Doméstico**. Recife: SOS Corpo-Instituto Feminista para a Democracia. 2009. 92 p. (Série Formação Política).

[5] ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. n. 2. São Paulo: Editora Escala, 2012. 192 p. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal).

[6] FEDERICI, Silvia. Pandemia, Reprodução e Comuns. **Revista IHU on-line**. Publicado em 30/04/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598501-pandemia-reproducao-e-comuns>>. Acesso em: 09/11/2021.

[7] PASSOS, R. G. O lixo vai falar, e numa boa!. **Revista Katálisis**. v.24, n.2. Mai-Ago. 2021. Publicado em 16/06/2021. p.301-309. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/Nj4qFky59rpZ8vx9wRmqRZR/>>. Acesso em: 21/10/2021.

[8] GRUPO DE TRABALHO “MULHERES NA CIÊNCIA DA UFF”. **Relatório Executivo do GT “Mulheres na Ciência da UFF”**: agosto/2018 a julho/2021. Niterói: UFF, 2021. Disponível em: <https://7715ac74-a3e7-4f18-b4e5-c24eb83965c5.filesusr.com/ugd/ddd761_19fded83dc954e7e8ec722c362e7c306.pdf>. Acesso em: 09/11/2021.

[9] ADUFF. **Professoras da UFF têm diminuição de carga horária negada embora resolução preveja flexibilização**. Setembro/2021. Disponível em: <<http://aduff.org.br/site/index.php/noticias/noticias-recentes/item/4245-professoras-da-uff-tem-diminuicao-de-carga-horaria-negada-embora-resolucao-preveja-flexibilizacao>>. Acesso em: 09/11/2021.

[10] UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Resolução nº160/2020**. Boletim de Serviço. Ano LIV. nº150. Seção III. p.85. Publicado em 18/08/2020. Disponível em: <https://www.uff.br/sites/default/files/paginas-internas-orgaos/bs_-150-20_-_resolucao_cepex_160-2020_ensino_remoto.pdf>. Acesso em: 09/11/2021.

[1] Tal recomendação encontra-se no artigo 12 da Resolução 160/2020. [10]

PALAVRAS-CHAVE: home office, mulheres docentes, maternidade, saúde mental, pandemia

¹ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), brunapmbrito@gmail.com

² ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), edith.fcarvalho@gmail.com

³ ENSP/Fiocruz (Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil), isabellaamaio@gmail.com

⁴ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), leticiaaguilar@id.uff.br

⁵ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), mariaeduarda.pena@hotmail.com

⁶ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), kortkammonick@gmail.com

⁷ Departamento de Psicologia de Campos/ ESR/ UFF (Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil), stephanemeireles18@gmail.com